

o desafio que se põe à Igreja da Serra do Pilar...

AMORTE ERA CONSIDERADA COMO MALDIÇÃO DIVINA. De resto, Jesus havia mesmo já gritado o seu desamparo total: «Meu Deus, porque me abandonaste?». Por isso, aos olhos daquela sociedade, morto daquela maneira e sepultado, Jesus era um fracassado total. Assim se cumpria a sua própria palavra: «Todos vos escandalizareis comigo» (Mc 14,27). Por isso, no fim de tudo, todos os discípulos se retiraram para a Galileia, ao jeito dos de Emaús que, ao fim do terceiro dia, regressavam a casa.

Mas, com a Ressurreição, tudo se altera: no seguimento do que dele haviam dito os

profetas, Jesus passa a ser «o Senhor», «sentado à direita de Deus», «constituído Filho de Deus com poder». São estas de facto as primeiras confissões de fé proto cristãs, apoiadas na Ressurreição. E tanto assim que, a partir de então, a pregação dos cristãos diante dos judeus, pregação valente e audaz, é muito clara: «Fostes vós que o matastes... mas Deus ressuscitou-o» (At 2,23/24, etc.).

Por isto foram os discípulos perseguidos e encarcerados. O tema da ressurreição era obviamente perigoso. Jesus morrera de facto no seguimento de um enfrentamento direto com os dirigentes judaicos, em que ele fora o

perdedor, o fracassado e o maldito. A partir de então, a sua causa estava perdida e ele derrotado. No entanto, pouco depois de semelhante fracasso, os seus discípulos começam a dizer que ele está ressuscitado, o que era perigoso: o perdedor passar a ganhador?! Por isso Pedro acusa: «vós o matastes... Mas Deus ressuscitou-o». Isto é: afinal Deus estava do lado do que vós matastes. «O Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob, o Deus de nossos pais, glorificou o seu servo Jesus que vós entregastes e negastes diante de Pilatos, quando ele queria soltá-lo. Vós negastes o Santo e o Justo e pedistes em troca um homicida. Matastes o príncipe da Vida, mas Deus ressuscitou-o dos mortos, e nós somos disso testemunhas» (At 3,13/15). Isto é: Deus deu razão a quem parecia não a ter. Portanto, o enfrentamento entre Jesus e os dirigentes judaicos continuava-se entre estes e os seguidores do crucificado.

Porque a Ressurreição não é só dizer que Jesus está vivo. É a afirmação da razão de Jesus, «o caminho, a verdade e a vida». Porque a vida tem de ser vivida como Jesus a

viveu, tem de ser vista como ele a viu. A vida de Jesus terminou num enfrentamento entre o evangelho e a ordem estabelecida. Mas pela ressurreição foi o evangelho a triunfar, com a derrota da ordem. Por isso ainda, afirmar a Ressurreição foi tão perigoso, e custou tão caro.

Há muito que penso que a hora dos leigos ainda não chegou verdadeiramente. O Vaticano II foi o Concílio de uma nova atitude pastoral da Igreja perante o Mundo moderno - de diálogo fundamentalmente - e o Concílio do ministério episcopal. Mas não foi ainda o Concílio de todos os batizados, nem dos presbíteros nem dos leigos, nomeadamente. É verdade que logo a seguir, a figura dos leigos começou a emergir, mas eu diria que negativamente. Os presbíteros começaram a faltar e foi preciso suprir: de ministérios laicais se começou a falar. Ministérios (intraeclesiais) quase sempre de suplência, ou como tal entendidos. Um pároco desta diocese do Porto pediu-me esta Quaresma para eu ir lá falar sobre a necessidade de os leigos colaborarem n(o interior d) a Igreja: e eu fui lá dizer, com

algum escândalo, que os leigos têm é de construir o Mundo... e a Igreja também mas só na medida em que puderem!

Enquanto isto, os presbíteros continuam bastante à deriva: e à deriva porque nem os bispos muitas vezes, ocupam o lugar que lhes compete nem os leigos sabem onde se situar. No meio duns e doutros, os presbíteros, bastantes, dão aulas uns, fazem política outros, tantas coisas quase todos.

Mas há-de ser a História a ajudar que todos se coloquem nos seus lugares, Bispos, Presbíteros e Diáconos, por um lado, ministros ordenados, e leigos por outro. Todos instrumentos do Reino, todos membros da Igreja, mas nem todos com a tarefa do Mundo e o cuidado ministerial da Igreja.

Às novas comunidades eclesiais nascidas nas grandes metrópoles urbanas. Colocam-se novos e interessantes desafios. Muitos deles por correr.

E um deles, repetidamente o tenho afirmado ao longo de muitos anos, é a sua organicidade ministerial. Numa comunidade urbana como é a

Serra do Pilar a estruturação ministerial é fundamental.

De resto, é isto que se deduz das comunidades paulinas. Constituídas nas grandes cidades do império, as comunidades fundadas por Paulo reuniam um grande e variado número de cristãos de uma mesma cidade e eram o lugar ideal para o surgimento desta organicidade ministerial de que falo. Os futuros «ministérios da Igreja» constituíram-se então aí a partir da base da comunidade, cresciam e desenvolviam-se com o compromisso pessoal e as capacidades concretas de homens e mulheres que mereciam o consenso expresso ou admitido de cada comunidade. Paulo, Apóstolo, garantia a «apostolicidade» das comunidades concretas; tudo o mais era carismático, e por isso ministerial, isto é regulado pelo bem comum e edificação da Comunidade. Era nesta sintonia que Paulo podia dizer: «assim como o corpo é um todo, embora constituído por muitos membros, assim também (no corpo de) Cristo» (1 Cor 12,12)

Se - repito - ao longo de muitos anos, tenho apontado isto, creio ter chegado o tem-

po de a Serra do Pilar provar a si mesma e no contexto da Igreja Diocesana do Porto o caminho já andado e o caminho de que é capaz de andar. Para que o presbítero possa ser presbítero.

Dizem para aí que os presbíteros não deixam os leigos sê-lo. Talvez concorde. Mas tenho a certeza que só leigos adultos e conscientes na Igreja de Jesus Cristo deste final do sec. XX permitirão que os presbíteros o sejam, presbíteros, e só.

Ovo ou galinha?

Este é o desafio que se põe à Igreja da Serra do Pilar nos próximos dois anos. A Comunidade não vai sofrer nada, porque eu acredito no trabalho de formação de base e de fundo que aqui se vem fazendo há muitos anos. Não vai sofrer nada porque a Comunidade tem muitas possibilidades e recursos, e vai pôr toda essa riqueza a render. A Comunidade não vai sofrer nada porque, como aqui dizia há dias, de há muito ela «tem sido capaz, como nenhuma outra que conheço, de encontrar dentro de si as respostas aos apelos do Espírito em cada momento» e «nunca temeu os momentos de difi-

culdade, antes fez deles o seu melhor».

E, se, em momentos passados, o presbítero teve de assumir a liderança, ela vai ser agora dos leigos que, nem por isso, vão descurar aquela que é a sua tarefa primeira: A CONSTRUÇÃO DA CIDADE.

Um dia destes, explicava-me um de vós: durante 18 anos foi a gestação. Agora vai ser o parto. A criança vai chorar, mas vai nascer, sã e expedita.

A Ressurreição - repito - não é só dizer que Jesus está vivo. É afirmar que ele é «o caminho, a verdade e a vida», que a vida tem de ser vivida como Jesus a viveu, tem de ser vista como ele a viu. «A Igreja, que Ele (o seu Espírito) conduz à verdade total e unifica na comunhão e no ministério, enriquece-a a guia-a com diversos dons hierárquicos e carismáticos e adorna-a com os seus frutos», como diz a *Lumen gentium* (nº 4). E isto, que anda tão esquecido na nossa maneira de ser Igreja, precisa de ser levado a sério. E vai sê-lo. Por nós.

(Vigília Pascal, 1992,04.19)

Pe. Arlindo de Magalhães

In *UM POVO A CAMINHO*,
Comunidade da Serra do Pilar
- 1992, pp 469/472.